

TRIBUNA DO BRASIL

18 MAI 2005

Besteira tem hora

Teotônio (Vilela Filho) - Senador pelo PSDB de Alagoas

Tomo emprestado o título de artigo do escritor Carlos Heitor Cony, na Folha de São Paulo, para falar da cartilha do "Politicamente Correto", que a Secretaria Especial dos Direitos Humanos editou, há poucos dias, como uma inestimável contribuição ao folclore político nacional. A cartilha nada mais é do que o índice de 100 palavras e expressões que devem ser evitadas, em nome do politicamente correto. A relação é variada e curiosa. Vai de termos absolutamente comuns como palhaço, anão, preto, peão, prostituta, ladrão, cabeça-chata, até expressões de sentido figurado como barbeiro, para identificar o mau motorista. Expressões como "a coisa está preta" nem pensar. Seriam todas preconceituosas ou ofensivas contra raças, pessoas ou classes. O termo "comunista" seria igualmente vetado, o que me leva a desconfiar de que o autor da cartilha não tem lá muito orgulho de seu passado partidário e ideológico.

Foi sair a cartilha e começar, imediatamente, uma reação em cadeia como poucas vezes se viu no Brasil. Muitos saíram pelo caminho inevitável do humor.

Alguns jornais foram mais além, pesquisando como ficaria a música ou a literatura brasileira sem as palavras do índice petista. Alguns bons momentos de Chico Buarque seriam irremediavelmente prejudicados. Jorge Amado seria prescrito. João Ubaldo seria mutilado.

Nem o presidente Lula passaria pelo crivo do politicamente correto de seu governo. Comumente, em seus improvisos, ele se refere aos antigos companheiros de fábrica como "peões", uma discriminação imperdoável pelo novo código. Chamar dona Marisa carinhosamente de "minha galega?" Chamar os filhos também carinhosamente de "molecada"? Que é isso, presidente?

Felizmente o governo mandou suspender a distribuição da cartilha, enquanto aprofunda as pesquisas sobre o tema. Ou enquanto o próprio presidente Lula consegue se enquadrar na nova ordem. Pois não há improviso em que ele não cometa um escorregão politicamente incorreto. No famoso discurso sobre juros, em que criticava o brasileiro por "não levantar o traseiro" e sair em busca de menores taxas, Lula afirmou, numa

profunda análise sobre o comércio internacional e sua crescente competição, que "nequinho bate na canela", Errado, presidente. Diga-se que "o pequeno afro-descendente bate na canela".

O mais grave é que essa paranóia da correção política escancara somente as expressões coloquiais. Convinhamos que nem o Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, de triste memória do Estado Novo, imaginou tal excrescência. Vai ver o Brasil não tem mais problemas na área de Direitos Humanos. Não há torturas nem maus tratos nas delegacias de polícia, não há trabalho escravo nem mão-de-obra infantil no País. Vai que sempre aparecemos nos relatórios da Anistia Internacional como exemplo de respeito aos direitos humanos, vai ver é isso: a Secretaria de Direitos Humanos tem que procurar alguma ocupação para seu pessoal, nem que seja o papel esdrúxulo de inquisidor da linguagem.

Procuo, procuro, mas não encontro qualquer justificativa minimamente convincente para tal cartilha. Quem tem razão mesmo é o Cony: besteira tem hora.